

# **TRABALHO EM MARX: DA FORMAÇÃO HUMANA À ALIENAÇÃO**

## **Joicy Mara Rezende Rolindo**

Doutoranda em Educação (PPGE/FE/UFG/GEPEJ-UFG), Brasiljoicy.rolindo@uol.com.br

## **Suely Pereira de Sousa**

Doutoranda em Educação (PPGE/FE/UFG/GEPEJ-UFG), Brasilsuely.psousa29@gmail.com

## **Meire Lucia Andrade da Silva**

Universidade Federal de Goiás (PPGE/FE/UFG/Nedesc), Brasil  
Bolsista - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)melucia26@hotmail.com

## **Lúcia Maria de Assis**

(PPGE/FE/UFG/Nedesc),  
Brasilluciaassis@ufg.br

## **INTRODUÇÃO**

A análise do trabalho em Marx parte do princípio de que este é exclusivamente humano, condição eterna e inerente à sua existência. É no e a partir do trabalho que o homem produz sua vida material em um processo dialético com a natureza, transformando-a e, ao mesmo tempo, transformando a si mesmo. É por meio do trabalho que o homem se diferencia dos outros animais, constituindo-se como gênero humano, produzindo bens materiais essenciais à sua vida pela transformação do elemento natural.

Na teoria de Marx, o trabalho tem centralidade, desde a formação do homem até o trabalho como alienação em que o próprio trabalhador se torna mercadoria. Para ele, a sociedade capitalista passa a ver na ação trabalhista a valorização da mercadoria.

Antunes (2010), fundamentado em Marx, afirmou que o trabalho é um momento fundante da sociabilidade humana, como ponto de partida do processo

de seu processo de humanização. O autor complementa que, por outro lado, também é verdade que na sociedade capitalista, o trabalho torna-se assalariado, assumindo a forma de trabalho alienado, fetichizado e abstrato. Logo, ao mesmo tempo em que ele é imprescindível para o capital, ele é um elemento central de sujeição, subordinação, estranhamento e reificação. “O trabalho se converte em meromeio de subsistência, tornando-se uma mercadoria especial, a força de trabalho, cuja finalidade precípua é valorizar o capital” (ANTUNES, 2010, p, 2).

## **TRABALHO EM MARX**

O trabalho teve uma importância central na filosofia de Marx como categoria ontológica fundamental da existência humana. Na teoria de Marx (2021), o trabalho é uma forma de humanização dos indivíduos, a capacidade de o homem transmitir significados à natureza por meio de uma atividade planejada.

Marx analisou o caráter subjetivo e dialético do trabalho, considerando a importância dessa atividade para o homem como sendo um parâmetro modificador de sua vida e da natureza. A relação entre trabalho e natureza é uma relação de trabalho com outros trabalhos e complementa “eles [os homens] somente produzem, na medida em que eles colaboram de uma determinada maneira e trocando entre si suas atividades” (MARX, 1990, p.407). Essas conclusões sintetizam o processo dialético entre homem/natureza e homem/homem, o material e o social no ato do trabalho.

## **TRABALHO E ALIENAÇÃO**

Nos escritos de Marx, o trabalho e o ser humano estão em relação recíproca de produção, isto é, o ser humano produz o trabalho e o trabalho produz o ser humano (MARX, 2010). Porém, no sistema capitalista de produção, o trabalho torna-se um instrumento de desumanização e opressão, no qual o trabalhador estabelece com o trabalho uma relação de estranhamento quando

recorre a ele como uma forma de garantir sua sobrevivência, tornando-se, assim, uma mercadoria, conforme estabeleceu Marx em *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, quando trata da questão do trabalho alienado (trabalho estranhado). “A partir da própria economia nacional, com suas próprias palavras, constatamos que o trabalhador baixa à condição de mercadoria e à de mais miserável mercadoria, que a miséria do trabalhador põe-seem relação inversa à potência” (MARX, 2010, p. 79)

Ao ser reduzido a uma mercadoria, o trabalhador passa a tratar o produto do seu trabalho, como com um objeto estranho, independente do produtor. Dessa forma, o trabalhador passa, então, a relacionar-se com o produto do seu trabalho, como se fosse um objeto estranho, a produção passa a ser uma necessidade objetiva, tornando-o alienado a si mesmo (MARX, 2021).

Nesse sentido, se o trabalhador está alienado de si mesmo, se não se reconhece humano no ato da produção, também não enxergará humanidade nos outros seres humanos, ou seja, “o trabalhador encerra a sua vida no objeto; mas agora ela não pertence mais a ele, mas sim ao objeto. Por conseguinte, quanto maior esta atividade, tal qual mais sem-objeto é o trabalhador. E linhas gerais, o trabalho torna-se alienado na medida em que é realizado sob as seguintes circunstâncias: sob o esteio da propriedade privada, da divisão do trabalho e da mercantilização do trabalhador.

Desse modo, o trabalho deixa de conceber como realização do ser humano e surge como o trabalho de um outro, para um outro, causando a perda de si do trabalhador, o estranhamento. No sistema capitalista de produção, importa o aumento gradativo das riquezas produzidas, e nesse contexto, o trabalhador é impelido a levar em consideração essa necessidade para continuar trabalhando, dessa forma, ele vai cada vez mais se desumanizando. Ou seja, o trabalho alienado é inerente ao capitalismo e nessa forma de organização econômica da sociedade, a opressão do trabalhador é cada vez maior. Assim, no trabalho alienado, a atividade humana deixa de ser uma atividade criativa para tornar-se apenas uma forma de assegurar as necessidades vitais do ser humano. Mézáros (2016) mostra que a convicção no sistema capitalista como solução para os problemas socioeconômicos é mais um sinal de seu caráter alienante.

No decorrer do último século a sociedade tornou-se mais complexa,

passando por significativas transformações nas relações sociais, econômicas e políticas. Essas transformações foram impulsionadas pelo desenvolvimento dos meios de transportes, de e de tantas outras inovações tecnológicas, associado às metamorfoses do trabalho na contemporaneidade (BRAGA, 2009). O trabalho também passa a ser mais complexo, conforme acompanha as transformações ocorridas na sociedade. Assim, verifica-se que as finalidades de trabalho são distintas do período descritos nos estudos de Marx, porém, percebe-se, a partir de vários estudos de teóricos de Marx, que o trabalho alienado está relacionado com a forma como capital e trabalho operam entre si no âmbito do sistema capitalista de produção.

Embora a sociedade tenha passado por grandes transformações, desde que essa crítica foi realizada por Marx, o trabalho continua sendo utilizado pelo capital como um mecanismo de dominação e de desumanização do ser humano, contudo, de forma cada vez mais elaborada e perspicaz, portanto, o trabalho alienado ainda se faz presente na atual sociedade conforme no período dos escritos de Marx.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Enquanto a humanidade estiver sob o comando de um sistema capitalista de produção, da qual o propósito é o aumento e a acumulação de riquezas, e enquanto o ser humano e o seu trabalho forem usados para essa finalidade, o trabalhador não se sentirá realizado em sua plenitude a partir do desenvolvimento de suas potencialidades. Por conseguinte, para romper com o trabalho alienado proveniente do domínio do capital, faz-se necessário a conscientização da classe trabalhadora para que, de forma coletiva refletir sobre a realidade, possam empenhar-se em lutas emancipatórias no intuito de manter as conquistas e direitos alcançadas ao longo da história, avançar nas demandas atuais e evitar retrocessos.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo, Ed. Boitempo, 2010.

BRAGA, R. A vingança de Braverman: o infotaylorismo como contratempo. In.: ANTUNES, Ricardo; BRAGA, Ruy (orgs.). **Infoproletários: degradação real do trabalho virtual**. São Paulo: Boitempo, 2009.

MARX, K. Lohnarbeit und Kapital. In: Marx/Engels, Werke (MEGA), Bd. 6. Dietz Verlag, Berlin, 1990.

MARX, K. **O Capital**. São Paulo: BOITEMPO, 2021.

MARX, K. **Trabalho Estranhado e Propriedade Privada**. Manuscritos Econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. Tradução Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo, 2016.